

ANÁLISE DE SENTIDO DO TEXTO VERBO-VISUAL DA OBRA ARTÍSTICA DE DEIVID PEREIRA

VERB-VISUAL SENSE ANALYSIS OF DEIVID PEREIRA'S ART

Margarida Rodrigues de Andrade Borgesⁱ

Edneia de Oliveira Alvesⁱⁱ

RESUMO: Representações imagéticas são formas que o homem utiliza para expressar pensamentos, ideias e se comunicar. Nosso trabalho objetiva apresentar a análise da produção de sentido presente numa obra artística produzida por Deivid Pereira, artista surdo. Como objetivos específicos, buscamos verificar a relação de sentido entre a expressão verbo-visual, discutir os aspectos polifônicos e analisar a intertextualidade presente, que por sua vez, é composta por recursos imagéticos atrelados à realidade cultural dos sujeitos surdos. Adotamos a pesquisa qualitativa com análise de sentido, baseados em Bakhtin (2009), Brait (2009, 2011) e Strobel (2009). O objeto de análise trata-se de uma obra verbo-visual, intertextual e polifônica, composta por elementos de cultura surda – imagens e escrita de sinais – e da comunidade ouvinte. Nessa obra, o verbo-visual é constituído pela imagem do personagem Pinóquio e uma fala sobre o dia da mentira em escrita de sinais demonstrando o trânsito do surdo na cultura surda e ouvinte e marcando sua identidade linguística por meio da escrita de sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Polifonia. Representação imagética. Intertextualidade. Visualidade. Surdo.

ABSTRACT: Image representation are the way that human uses to express thought, ideas and communicates. The objective of this work was to present the analyse of sense production within of the artistic word created by Deivid Pereira, deaf artist. As specific objectives were verified the relation sense between verb-visual, discuss about polyphonic aspects and to analyse intertextuality that there is in the art, which in turn, it is composed by image aid tied to deaf cultural reality. We used qualitative research, sense analysis was based on Bakhtin (2009), Brait (2009, 2011) and Strobel (2009) theory. This art is a verb-visual intertextual and polyphonic art composed by deaf cultural deaf – image and signwriting – and hearing community. In this art the verb-visual is consisted of Pinocchio image and a speech about April fool's day in signwriting that reveals that deaf is into deaf and rearing culture and brands it's linguistic identity bai signwriting. The mainly sense was fool's day celebration.

KEYWORDS: Polyphony. Image Representation. Intertextuality. Visuality. Deaf.

Submetido em: 04 dez. 2018
Aprovado em: 27 mar. 2019

ⁱ Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: margaridaborges1979@gmail.com

ⁱⁱ Doutora em Psicologia. Professora do curso de Letras Libras da UFPB. E-mail: edneiaalvesufpb@gmail.com



Introdução

Entendemos as representações imagéticas como formas de expressão e comunicação, e que, por esse motivo, são utilizadas pelo homem para, entre outras funções, expressar seus pensamentos e ideias. Sobre essa ótica, baseados nas contribuições de Bakhtin (2009), buscamos nos dedicar à análise da produção de sentido a partir de uma obra artística, observando a polifonia cultural e a relação entre os aspectos verbo-visuais.

Na perspectiva dos aspectos polifônicos, o que os caracteriza, segundo Bezerra (2013, p. 194), “é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico”. Esses aspectos são vistos como uma forma de interação em um processo de comunicação, carregando consigo diversas vozes. Ainda para o mesmo autor (p. 195) as vozes “possuem independências excepcionais na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outros personagens”. Por essa razão, o discurso¹ é sempre construído por vários personagens que adotam uma postura seja de negação, seja de aceitação. Sobre essa ótica, Brait (2011) nos chama a atenção para a polifonia como um conceito de grande importância no tocante às teorias de análise textual e do discurso. Ainda para a mesma autora (p.198), “polifonia é aquela multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis”. Tais vozes são instrumentos que, ao serem utilizados numa obra, buscam preservar a particularidade do discurso e se apresentam por meio do diálogo cultural.

Para Brait (2013, p. 44), “tanto a linguagem verbal quanto a visual desempenha papel construtivo na produção de sentidos”, os quais são captados de acordo com as vivências ou o contexto em que estão inseridos. Segundo Albres (2014, p. 171), “O sentido se estabelece pelo entendimento do texto verbo-visual no contexto sócio-histórico em que se encontra, no espaço-tempo em que se desencadeiam os discursos.” Possibilitam-se, assim, novas produções de significado a partir da manifestação de discursos inter-relacionados.

¹ Manifestação das relações sociais por meio dos enunciados.

Situado nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a produção de sentido na obra verbo-visual produzida pelo artista surdo Deivid Pereira, observando as inter-relações de sentidos produzidos, como também no âmbito do intertexto, uma vez que essa produção carrega consigo marcas de polifonia e interculturalidade, devido ao encontro de personagens voltadas ao público infantil, Pinóquio e Pica-Pau, bem como a representação linguística da língua de sinais na modalidade escrita.

Baseados nesse entendimento, abordamos a obra artística do surdo como algo que produz sentido(s) para um determinado grupo social, em nosso caso, o povo surdo, considerando que tal grupo dispõe de identidade e cultura próprias e apresenta estilo de vida, em alguns aspectos, diferente do estilo do ouvinte. Apontamos como diferente não no sentido de inferioridade, mas como culturalmente diferente, uma vez que esses sujeitos interagem com o mundo ao seu redor através das percepções e expressões visuais no uso da língua de sinais.

O artigo apresenta, além desta introdução e das considerações finais, seções que discorrem, sucessivamente, sobre: a fundamentação teórica que dá sustentação às discussões; a apresentação dos procedimentos metodológicos realizados para o desenvolvimento da análise; e a apresentação do trabalho visual que serve de fonte para a reflexão desenvolvida na seção de análise.

1 Fundamentos teóricos

Partindo da ideia de Silveira e Axt (2015), a compreensão de um texto enquanto enunciado é realizada numa produção de sentidos que se estabelece no momento em que se coloca em diálogo, uma vez que o sentido não é propriamente o texto exposto, mas o que está nas relações dialógicas produzidas pelo expectador a partir do conhecimento acumulado ao longo de sua vida. Conforme observa Sobral (2008, p. 2):

Nesta perspectiva, o texto traz potenciais de sentidos, realizados apenas na produção do discurso; o discurso vem de alguém e dirige-se a alguém (ou seja, é “endereçoado”), o que modula sua arquitetônica, e traz em si um tom avaliativo, ao mesmo tempo em que remete a uma compreensão responsiva ativa da parte do seu interlocutor típico – nos termos do gênero no qual se insere.



Ainda na concepção do mesmo autor, o texto é um objeto material, produzido por um sujeito, podendo ser tomado por discurso, quando proferido por alguém num dado contexto, considerando as marcas presentes no próprio texto. Assim, os discursos são produzidos a partir de relações e fundamentos dialógicos nos quais os indivíduos participantes estão inseridos.

A partir desse entendimento, as mensagens podem ser produzidas por meio de recursos textuais, sejam eles verbais, “orais/escritos”, como também visuais, através da imagem ou imagem-signo. Braga (2010, p. 155) apresenta a imagem-signo como sendo “a relação entre imagem e representação a partir de sistemas de referências convencionais”, destacando que essas representações carregam consigo diversos sentidos.

De acordo com Bakhtin (2009), o sentido é construído pelo sujeito, a partir das relações sociais com os pares, sendo influenciado pelo contexto em que está inserido, visto que esse é formado por intermédio das interações sociais. Para Bakhtin (2009), como tudo o que é ideológico, tudo aquilo que produz sentido é a expressão ou representação de um determinado conceito. Ainda, para esse autor, o sentido produzido pelos sujeitos em um determinado espaço e tempo representa o saber no contexto em que ele se insere, uma vez que o sujeito é formado socialmente, ou seja, sentido e significado são responsáveis pela compreensão da realidade na qual o sujeito encontra-se imerso. Nesse sentido, ao nos situarmos entre as esferas verbais e visuais, com enfoque maior para o visual, buscamos fundamentos capazes de analisar produções de sentido verbo-visual, consideradas por Brait (2009, p. 143) como sendo,

[...] um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participam, com a mesma força e importância, o verbal e o visual. Essa unidade de sentido, esse enunciado concreto, por sua vez, será constituído a partir de determinada esfera estético-ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção, circulação e recepção.

Ao referir as identidades do povo surdo, Perlin (1998) classifica-as da seguinte maneira: identidade surda, identidade flutuante, identidade inconformada, identidade de transição e identidade híbrida. Cada uma dessas identidades é fortalecida a partir do momento em que o sujeito se reconhece e

se relaciona com seus pares, pois, para Perlin (2006, p. 04), “a identidade surda constitui-se no interior da cultura surda.”

Ainda para a mesma autora, a identidade surda não está pronta no sentido acabado do termo, ao contrário, como diz Cunha (2007), a identidade é algo em construção, uma construção móvel que empurra o sujeito em diferentes posições, as quais põem em evidência a identidade, a diferença, a língua de sinais e a cultura da comunidade surda.

Sobre cultura surda, vários autores tecem suas contribuições: Karnopp (2008) destaca o envolvimento cultural da comunidade surda, por entender que todas as culturas relacionam-se entre si, não havendo uma cultura uniforme. Para Sá (1999), “a cultura surda abrange particularidades do próprio surdo, como suas formas de organização de linguagem, seus valores, e a produção artística”. Strobel, através de suas pesquisas, define e apresenta cultura surda, como:

[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes, e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 27).

Ainda na concepção cultural, a mesma autora nos apresenta oito artefatos culturais referentes ao povo surdo, a saber: a experiência visual, o linguístico, o familiar, a literatura surda, as artes visuais, a vida social e esportiva, o político e o material. Dessa forma, em nossa pesquisa, nos detivemos em quatro dos artefatos descritos pela autora, por terem relação direta com o nosso objeto de estudo, sendo eles: “as experiências visuais, o linguístico, as artes visuais e a literatura surda”.

Experiências visuais são um tema relacionado diretamente à forma como o indivíduo surdo interage com o mundo, ou seja, através de captações visuais. Para Perlin e Miranda (2003, p. 218), “experiência visual significa a utilização da visão (em substituição total à audição) como meio de comunicação, dessa experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes”.

O artefato linguístico contribui sobremaneira para difundir o conceito apresentado por Strobel (2008, p 46), em que “a língua de sinais é uma língua

prioritária do povo surdo que é expressa por meio da modalidade espacial-visual” e sua aquisição acontece naturalmente mediante o contato com seus pares. Desse cenário, surgem estudiosos e pesquisadores surdos e ouvintes, proporcionando destaque e, conseqüentemente, valorização à Língua de sinais.

Outro fator importante nos estudos linguísticos, segundo Stumpf (2005, p. 51), “é o sistema de escrita para a língua de sinais denominado SignWriting”, que é capaz de registrar qualquer língua de sinais existente, derrubando o pressuposto de que a língua de sinais seria ágrafa, conforme discorrido mais adiante.

As artes visuais são artefatos relacionados aos diversos tipos de expressões ou manifestações da beleza artística. Segundo Strobel (2008, p. 66):

Tem muitos surdos artistas que fazem desenhos, pinturas, esculturas e outras manifestações artísticas com a extensão beleza, equilíbrio e harmonia e revoltas sofridas pelo povo surdo. Como exemplo, há muitas pinturas e esculturas lindas que os artistas surdos produzem em línguas de sinais.

Já a Literatura consiste numa linguagem artística e estética por utilizar recursos capazes de expressar pensamentos e ideias. No tocante ao artefato literário, a obra analisada neste trabalho ganha tal *status* por apresentar Pinóquio, personagem clássico da literatura infantil. É uma produção que importa para si elementos literários e midiáticos da comunidade ouvinte, especialmente, aqueles que coincidem com os aspectos culturais da comunidade surda. Assim, como aponta Karnopp (2006), constitui-se uma obra híbrida no sentido de ter presentes elementos culturais de dois grupos sociais diferentes.

Esse artefato literário passa a fazer parte da cultura do povo surdo, uma vez que este está associado diretamente às experiências visuais. O povo surdo tem como principal meio de interação com o mundo o uso da visão que motiva a criação da língua de sinais, seja na modalidade sinalizada ou na escrita, a qual se torna ferramenta de produção literária. De acordo com Strobel (2008), a literatura surda refere-se a diferentes formas de expressão, por permitir ao povo surdo transmitir suas marcas e experiências de geração em geração.

Essas representações são de grande importância para o sujeito Surdo, uma vez que esses tipos de produções estão diretamente ligados ao campo

visual, contribuindo positivamente para o desenvolvimento educacional, cognitivo e social do sujeito que interage com o mundo por meio da visão.

Higounet (2003) afirma que, para que haja escrita, é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possuam um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que por ela seja utilizado. No tocante “ao conjunto de sinais” a que o autor se refere, não se trata propriamente do léxico das Línguas de Sinais utilizado pela comunidade surda e sim do léxico das Línguas Orais utilizadas pela comunidade ouvinte.

A esse respeito, Lodi; Harrison; Campos (2013, p.38) assim se posicionam:

[...] os primeiros registros escritos (a pré-escrita) foram inventados antes de serem postos em relação com a língua; sua função era o registro visual da forma como apreendiam o real. O signo escrito não teve sua origem, assim, na palavra, como uma tradução, mas sim nos aspectos visuais do mundo e, por meio dele, as primeiras marcas de sociedades que se estruturaram em torno do visual.

Ao falarmos sobre representação visual de uma língua, nos reportamos à língua usada pela comunidade surda. A língua de sinais dispõe de estrutura gramatical própria e para realizar comunicação seus usuários utilizam as mãos, as expressões não manuais, os movimentos e a localização é percebida por meio da visão. O processo de surgimento e desenvolvimento da modalidade escrita ocorreu um pouco diferente da escrita das línguas orais, tendo em comum o fato de também se valerem das percepções visuais.

Antes de Valerie Sutton, as Línguas de Sinais eram observadas em sua modalidade sinalizada, pois ainda não havia seu registro na modalidade escrita. Para Klimsa, Sampaio e Klimsa (2013), o SignWriting (SW) é totalmente independente das línguas orais, pois é capaz de registrar por escrito qualquer língua de sinais do mundo, uma vez que fará adaptações de acordo com a própria ortografia ou regras gramaticais. Assim, nas produções escritas, cada usuário possui total liberdade e autonomia e registra suas produções de acordo com seu entendimento. Para Stumpf (2005), o SW apresenta possibilidades de expressar os recursos gramaticais desta língua, bem como suas modulações visuais-espaciais incorporadas nos sinais e no discurso. Para a autora, a

possibilidade de escrever utilizando a escrita de sinais é muito importante para o surdo, uma vez que é a forma própria de registrar suas produções.

Essa escrita representa graficamente os sinais das línguas de sinais e tem como base a lógica da visualidade, registra os aspectos fonológicos de forma iconográfica. Consiste em um sistema que representa as unidades gestuais por meio de símbolos internacionais que podem ser utilizados por qualquer país (ARCOVERDE, 2011).

Peixoto (2016) afirma que as piadas e poesias surdas contêm recorrentemente o uso das expressões faciais. Sendo assim, a escrita de sinais também deve representar graficamente essas formas de expressão respeitando suas características de simultaneidade.

De acordo com Strobel (2009), o SignWriting foi criado por Valerie Sutton na Dinamarca, no ano 1974, com a colaboração de surdos. Desde então, o SW progressivamente ganha espaços e *status* em instituições vinculadas às pessoas surdas, como escolas, associações e universidades. Segundo Bidarra, Martins e Seide (2016), aqui no Brasil, o sistema de escrita de sinais chegou em 1996, na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, por intermédio do Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, que por sua vez notou que seria possível escrever utilizando o sistema através do computador, criando assim o SW-Edit. Com base nessa percepção, formou uma equipe composta por duas professoras, Márcia Borba e Marianne Stumpf, que teve por objetivo aprofundar esse estudo.

Após cinco anos da chegada do SW ao Brasil, notamos um grande avanço, a divulgação da modalidade escrita da Língua de Sinais, em 2001, quando da publicação pelo professor Capovilla do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira-Libras, estimulando o uso e a difusão da modalidade escrita da Libras pela comunidade surda de nosso país, composta por surdos, familiares, professores e intérpretes de Libras, como também, pela comunidade acadêmica e por instituições escolares.

2 Metodologia

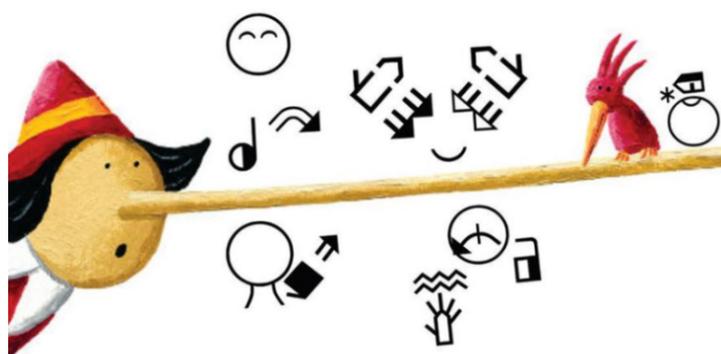
A pesquisa que gerou este artigo consistiu numa abordagem qualitativa, uma vez que visou focar nas características subjetivas do instrumento analisado. A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2001), aborda o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações. Para Oliveira (2016 p.15), “os métodos qualitativos procuram explicar o porquê das coisas, mas não quantificam as informações obtidas nem se submetem à prova de fatos porque os dados não são métricos”. Também para Quadros e Sousa (2013), a abordagem qualitativa trabalha numa perspectiva descritiva, cujas informações não são quantificáveis, sendo as análises dos dados realizada de forma indutiva.

Com base nesses critérios, utilizamos a categoria de sentido bakhtiniana para a análise do *objeto*. O sentido é um elemento importante a ser analisado em obras artísticas porque essas são expressões de cultura e propõem significações que podem ser partilhadas ou adquiridas dependendo da origem do interlocutor, se da mesma comunidade do criador ou não. Os sentidos são utilizados pelos sujeitos para compreender a realidade e para organizar sua forma de pensar o mundo. Bakhtin (2009) considera a significação como parte reiterável do signo por ser recuperável em diversas situações contextuais, embora possa haver alguma alteração, mas, não precisa estar sendo usado no contexto para sua compreensão. Isto quer dizer que a significação é um sentido relativamente estável que o signo carrega, assim como carrega determinada ideologia. Desse modo, a análise do sentido nos possibilitou apreender os elementos culturais expressos nos signos que compõem a obra de Deivid Pereira.

Por tratar-se de uma análise de sentido, uma vez que a obra é composta de conteúdo verbo-visual, compreende-se que, se a produção de uma imagem faz parte de um processo de comunicação visual, isso significa também que a imagem “comunica algo” (BRAGA, 2010 p. 155). Esse processo comunicativo interativo acontece entre locutor/emissor e interlocutor/receptor construindo seu sentido por meio do discurso mediante as experiências anteriormente adquiridas.

Para a realização da análise qualitativa proposta, nos debruçamos sobre uma expressão artística do autor surdo Deivid Pereira, a qual é constituída por uma imagem verbo-visual. Nela, consta o desenho do Pinóquio na extremidade esquerda e na direita aparece a reprodução de um Pica-Pau, que se encontra sobre o nariz do Pinóquio. O centro da imagem, entre os dois personagens, está dividido em duas partes: uma na parte superior do nariz e a outra abaixo; em ambas encontra-se a escrita de sinais. Ao lado direito no canto superior, a assinatura do autor, que é o seu sinal-nome, escrito em Libras, como elemento característico da identidade surda, pondo em evidência sua cultura, conforme pode-se verificar na figura 1.

Figura 1 – Obra artística de Deivid Pereira



Fonte: Rede social do artista. Adaptado de: goo.gl/jhYvTf

3.1 Procedimento analítico

Foi realizada a análise do sentido, iniciando pelos recursos imagéticos dispostos na obra artística, posteriormente, o recurso linguístico, finalizando com a análise da obra como um todo para a apreensão do sentido posto no verbo-visual. Assim, para analisar a obra, seguimos procedimentos tais como:

- Examinar a forma de constituição;
- Verificar a relação de sentido entre a expressão verbal e a visual;
- Analisar a interculturalidade, a polifonia cultural e a representatividade imagética.

3 A expressão de cultura surda na obra de Deivid Pereira

Segundo o entendimento de Brait (2009 p. 143), “a dimensão verbo-visual da linguagem participa ativamente da vida em sociedade e, conseqüentemente, da constituição dos sujeitos e das identidades.”

O artista Deivid César Leitão Pereira é surdo, nasceu em 03 de junho de 1983, reside em Nazaré da Mata no estado de Pernambuco – PE, é pedagogo, graduando no curso Letras Libras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e está concluindo curso de Especialização em Libras. A obra produzida por ele é um texto verbo-visual, constituído por uma imagem verbal e não verbal, composta por elementos discursivos carregados de sentidos, como também, efetivando uma relação dialógica entre os elementos dispostos.

Sobre o entendimento acerca do verbo-visual da linguagem, Brait (2009) apresenta-o como sendo um enunciado totalmente estruturado por meio de um plano discursivo, no qual participam, com a mesma intensidade e o mesmo grau de importância, o verbal e o visual. Essa articulação entre os elementos verbais e visuais inviabiliza o tratamento isolado de uma ou outra modalidade, uma vez que a união desses elementos produz um todo significativo. No objeto ora analisado, os elementos não verbais encontram-se nas imagens de Pinóquio e do Pica-Pau, enquanto os elementos verbais encontram-se na frase que fala sobre mentira e, também, na assinatura. Vale destacar a opção do autor da obra em utilizar o registro escrito em Libras (Língua Brasileira de sinais).

Durante a análise, buscamos construir nosso entendimento focando na intencionalidade do autor. Assim, podemos refletir sobre algumas particularidades, tais como: a relação de sentido entre a expressão verbal e visual presentes na obra; a própria noção de representatividade da obra; as marcas de intertextualidade e interculturalidade existentes entre os personagens.

Acerca da intertextualidade, Kristeva (2005), baseada nas contribuições bakhtinianas, apresenta como sendo um cruzamento textual, uma interação entre o autor e o leitor ou entre os personagens, fenômeno que envolve o contexto cultural atual ou anterior do indivíduo. Para a autora (2005, p. 68), “todo texto se constrói como um mosaico, todo texto é absorção e transformação de

um outro” sendo assim, intertextualidade é o reconhecimento de que um texto é sempre um diálogo com outros textos.

Considerando que a obra artística em análise compõe-se por intertextualidade, formando um enunciado novo, temos como intertexto a presença do Pinóquio, um clássico da Literatura universal e o Pica-Pau, personagem de animação veiculado no meio televisivo. Introduzida em fundo branco, a obra apresenta a imagem do personagem Pinóquio em perspectiva, seu tronco projetado levemente para frente, seu rosto posto de perfil, o nariz alongando-se iniciando no lado esquerdo até o lado direito da figura. Assim, põe-se o Pinóquio como elemento central da mensagem que se pretende transmitir na obra. Com essa estratégia, o autor inseriu um elemento da literatura infantil e sua representação, que é o tema central da obra literária: a mentira.

Mantendo-se fiel às características da personagem Pinóquio, o autor o desenhou em representação de material de madeira. Em um movimento de criação, estabelece relação entre esse elemento da literatura com outro elemento de outra esfera de produção artística: o Pica-Pau. No texto, Pinóquio sustenta uma expressão facial assustada, trazendo o sentido do sentimento de temor. Essa interpretação se explica por haver uma relação direta com a característica linguística do autor: o uso das expressões faciais como elemento gramatical e por termos como saber cultural que o Pica-pau é um pássaro que pica árvores, características apresentadas no desenho animado apresentado nos programas de TV.

Ao nos referirmos à expressão facial do Pinóquio, entendemos ser primordial levarmos em consideração as expressões faciais presentes nas línguas de sinais, pois elas fazem parte das regras gramaticais dessas línguas; são recursos abordados pela linguística fonológica. Quadros e Karnopp (2004, p. 60) referem-se às expressões faciais como expressões não manuais – ENM. Segundo as autoras, as ENM são realizadas através “dos movimentos da face, dos olhos, da cabeça e no tronco”. Nesse mesmo sentido, Ferreira (2010) diz que as expressões não-manuais são elementos extremamente importantes, uma vez que, ao usá-las, é possível diferenciar significados das sentenças.

A composição da obra com a inserção do pica-pau no nariz avantajado do personagem mentiroso nos mostra que o eixo condutor da relação Pinóquio

versus Pica-Pau é o elemento madeira. A obra nos remete ao sentido de que o Pica-Pau foi atraído pelo Pinóquio pelo fato dele ser feito de madeira. De acordo com Figueiredo (2014), esse animal é conhecido por ser eficiente em perfurar madeira com seu bico, que por sua vez é forte e flexível. Assim, os impactos de suas bicadas são amenizados e não lhe causam danos devido a uma articulação diferenciada, capaz de amortecê-las. Seu hábito de bicar é uma forma de conseguir seus alimentos, uma vez que se alimenta de larvas que se encontram por trás das cascas, como também, tem objetivo de fazer seu ninho em troncos de árvores, garantindo assim sua sobrevivência e, conseqüentemente, de sua espécie. Dessa forma, a expressão de assustado que o Pinóquio revela é uma indicação de que o Pica-Pau estaria machucando seu nariz.

Essa representação faz parte dessa produção artística porque o sujeito é multicultural. Embora esse sujeito seja surdo e tenha uma cultura própria, ele interage com outras culturas tradicionais, como bem nos relata Karnopp (2006) quando trata sobre a cultura híbrida do surdo. Outro fator que justifica a inserção desses elementos na obra é o fato de que o surdo tem uma cultura visual inerente à surdez. Lebedeff (2010, apud SKLIAR, 2001, p. 176) afirma que “os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais, humor visual, definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras formas de significações”. Considerando sua experiência visual, o autor surdo reuniu em sua produção artística elementos culturais distintos relacionados entre si, produzindo ações discursivas por meio das escolhas intertextuais, uma vez que a união dos elementos dispostos na obra preserva a unidade do discurso e desperta nos leitores um tom humorístico.

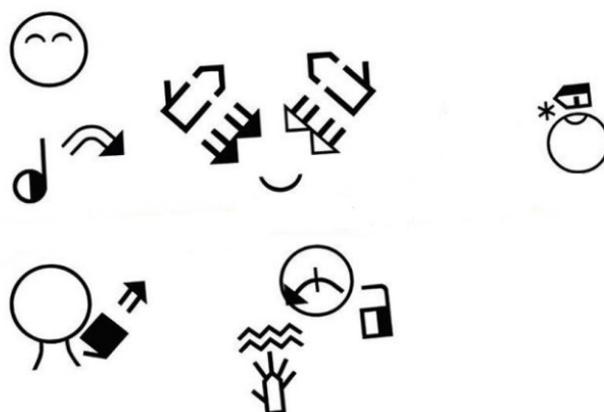
[...] o entendimento do humor no âmbito do discurso está intimamente relacionado à noção de ato comunicativo, entendido como um fenômeno que envolve sujeitos em interação. Esse ato combina uma instância situacional, ou quadro de referência que une os sujeitos de uma comunidade social, e uma instância discursiva, responsável pela atualização dos sujeitos envolvidos. (CASTRO, 1999, p. 1).

Além disso, toda representação é um signo constituído socialmente. A partir do princípio interacional, Bakhtin (2009) compreende que o signo é criado no meio social e na relação entre indivíduos, fazendo com que seu valor chegue ao mesmo tempo na consciência individual. Sendo assim, as ideologias

expressas pelos indivíduos por meio de signos representam o pensamento de um grupo que tenha sido exposto às mesmas condições de produção ideológica. Desse modo, a percepção humorística da obra é consequência do fator sócio-histórico que envolve os seres humanos.

O texto extraído da obra artística, escrito em SignWriting, está diretamente atrelado ao contexto discursivo nele presente, uma vez que faz referência ao primeiro dia do mês de abril, considerado em diversos países como sendo o “dia da mentira”. Assim, para a composição da obra foi introduzido o signo linguístico em escrita da língua de sinais, que é essencialmente visual. O uso do artefato linguístico para registrar sua marca, vem a confirmar a diferença inerente ao povo surdo relacionada aos aspectos culturais.

Figura 2 – Texto em escrita de sinais



Fonte: Dados da pesquisa.

Tradução: “hoje é o dia primeiro de abril, falamos mentiras”.

Essa introdução do elemento verbal na obra possui uma forte motivação de representação cultural do povo surdo. Para o fortalecimento dessas raízes, Stumpf (2005) propõe o uso da escrita de sinais como ferramenta de comunicação uma vez que tal ato tem um significado importante para a valorização do sujeito com identidade surda.

Outro elemento puramente oriundo e característico da comunidade surda é a assinatura com o uso do sinal-nome. Essa assinatura demonstra a identidade assumida e intrínseca ao surdo. Isto ocorreu porque, de acordo com Moura e Alves (2015, p. 93), “o sinal-nome é uma representação fiel da afinidade que o surdo possui com a língua de sinais e o que ela representa para si e para sua

comunidade. É realmente um elemento que está intrínseco ao seu modo de ser e de colocar-se no mundo.” Para além da questão da identidade, a assinatura com o sinal-nome é uma manifestação política em que o sujeito se posiciona a partir de sua comunidade, demonstrando o lugar de onde fala, sua ideologia e pertença de grupo.

A partir da intertextualidade entre elementos da cultura surda e da cultura ouvinte, o autor conseguiu criar uma obra em comemoração ao dia da mentira, apropriando-se de forma criativa para a comunidade surda de um elemento da cultura mundial.

Considerações finais

O presente artigo apresentou a importância de obras artísticas produzidas por artistas surdos, uma vez que essa produção contribui sobremaneira para sustentar e difundir a Cultura e a Identidade Surda. Assim, o trabalho artístico analisado, pelo fato de apropriar-se do Pinóquio, um personagem clássico da literatura infantil e do Pica-Pau, personagem de desenho animado, ambos constituindo textos artísticos que circulam na comunidade ouvinte, possibilita que o artista, enquanto sujeito surdo, utilize-se dos elementos culturais da comunidade ouvinte e os difunda na comunidade surda. Trata-se de uma obra que possui elevado valor cultural, tendo em vista que é constituída de forma intertextual e ao mesmo tempo demonstra que o surdo, embora tenha particularidades de sua cultura e muitos deles não participem efetivamente da comunidade ouvinte, transita pela cultura ouvinte e apreende o que lhe é disponibilizado por meio da visualidade.

Dessa forma, é possível o diálogo entre a cultura ouvinte e a cultura surda, quando se possibilita ao surdo apropriar-se de elementos da cultura ouvinte, posicionando-se enquanto sujeito de identidade e da própria cultura. A expressão artística demonstrou que o surdo emprega a sua marca identitária por meio do uso dos recursos imagéticos, da escrita de sinais e de sua assinatura com o sinal-nome. Além disso, a obra valoriza a produção artística, colocando o surdo como sujeito ativo na produção e na representação da sua cultura e identidade.

Na perspectiva da análise realizada, o trabalho atingiu seus objetivos, demonstrando a coerência da proposta de que uma obra artística pode ser compreendida como um texto verbo-visual por ser uma unidade de sentido composta por texto verbal: a escrita de sinais, e por imagens: Pinóquio e Pica-pau. Esses elementos possuíam origens diferentes, mas, ao comporem a produção, complementaram-se e se uniram de forma a tornarem-se um todo significativo.

Com esse trabalho temos, também, a intenção de instigar o desenvolvimento de novas pesquisas e despertar o interesse de outros estudiosos para que possam ampliar o leque de análises de sentidos presentes no nosso objeto de estudo.

Do exposto, reafirmamos que as produções de obras artísticas produzidas por sujeitos surdos demonstram grande potencial por expressar sua cultura, sua identidade, suas percepções visuais e suas formas de interagir com o mundo ao seu redor nas diversas relações sociais.

Referências

ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. A. A. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/20638>. Acesso em: 11 out. 2018.

ARCOVERDE, R. D. L. Dos desencontros com a linguagem escrita a um encontro plurilinguístico. In: DORZIAT, A. (org.). *Estudos surdos: diferentes olhares*. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 107-139.

BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Contexto, 2013.

BIDARRA, J.; MARTINS, T. A.; SEIDE, M. S. *Entre a Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo*. Cascavel, PR: Ed. Edunioeste, 2016.

BRAGA, J. Formas imagéticas e formas discursivas. *Revista filosófica de Coimbra*, n. 37, p. 149-174, 2010. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/dfci/>

publicacoes/formas_imageticas_e_formas_discursivas. Acesso em: 11 out. 2018.

BRAIT, B. A palavra Mandioca do verbal ao verbo-visual / The word Manioc from verbal to verbal visual language. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p.142-160, 2009. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004/1935>. Acesso em: 11 out. 2018.

BRAIT, B. Polifonia arquitetada pela citação visual e verbo-visual. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 183-196, 2011. Disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/5397/5091>. Acesso em: 11 out. 2018.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-65, 2013.

BUBNOVA, T.; BARONAS, R. L.; TONELLI, F. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin / Voice, sense and dialogue on Bakhtin. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 268-280, 2011. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732011000200016. Acesso em: 11 out. 2018.

CASTRO, M. L. D. O humor no processo de produção. UNISINOS. Anais do XXII Congresso Internacional Intercom. 1999. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7ee087f65e3a551caf1a73126b35e046.PDF>. Acesso em: 08 maio 2018.

CUNHA, P. M. A. Cenas do atendimento especial numa escola bilíngüe: os discursos sobre a surdez e a produção de redes de saber-poder. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.). *Estudos surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul., 2007. p. 38-85. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/>. Acesso em: 11 out. 2018.

FERREIRA, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FIGUEIREDO, A. C. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Ciências Biológicas – Bacharelado. UNIFESP. 2014. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/aves/pica-pau/>. Acesso em: 08 maio 2018.

HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KARNOFF, L. B. Literatura, letramento e práticas educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4856336>. Acesso em: 11 out. 2018.

KARNOPP, L. B. *Literatura Surda*, Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2008. Disponível em:
<https://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/10162>. Acesso em: 11 out. 2018.

KLIMSA, S. B. F.; SAMPAIO, M. J. A.; KLIMSA, B. L. T. Escrita de sinais I. In: FARIA, E. M. B.; ASSIS, M. C. (org.). *Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas*, v. 4. 2. ed. João Pessoa: EdUFPB, 2013. p. 255-304.

KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEBEDEFF, T. B. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. *Cadernos de Educação*, v. 36, p. 175-195, 2010. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1606/1489>. Acesso em: 11 out. 2018.

LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESFKE, O. (org.). *Letramento e minorias*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 35-46.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, J. N.; ALVES, E. O. Cultura surda no livro didático de Libras. In: ALVES, E. O. *A extensão universitária: fonte de conhecimento para área de Libras*. João Pessoa: Ideia, 2015. Disponível em:
http://www.insite.pro.br/elivre/libras_edneia.pdf. Acesso em: 11 out. 2018.

OLIVEIRA, C. F. S. Análise da escrita de sinais “SignWriting” presente na obra literária Rapunzel Surda. João Pessoa. UFPB. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal da Paraíba, 2016.

PEIXOTO, J. A. O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções em língua de sinais no Brasil. João Pessoa. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). *ETD – Educação Temática Digital*, v. 2, n. 7, p. 136-147, 2006. Disponível em:
<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-101659>. Acesso em: 11 out. 2018.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKILIAR, C. (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-74.

PERLIN, G.; MIRANDA, W. Surdos: o narrar e a política. *Ponto de Vista*, n. 5, p. 217-226, 2003. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282>. Acesso em: 11 out. 2018.



QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; SOUSA, A. N. Pesquisa Aplicada ao Ensino de Libras. In: ADRIANO, N. A.; PEIXOTO, J. A. (org.). *Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas*. João Pessoa: EdUFPB, 2013.

SILVEIRA, P.; AXT, M. Pesquisa, Dialogismo e Produção de Sentidos. *Polis e Psique*, v. 2, n. 5, p. 69-87, 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/viewFile/53954/pdf_30. Acesso em: 11 out. 2018.

SOBRAL, A. U. As relações entre texto, discurso e gênero: uma análise ilustrativa. *Intercâmbio*, v. 17, p. 1-14, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3570>. Acesso em: 11 out. 2018.

STRÖBEL, K. L. *A Imagem do Outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.